Sequência Didática 

**Maria Firmina dos Reis: e a importância de levar suas obras para a sala de aula.**

**Maria Julia Silva Marques - UFMS**

**JUSTIFICATIVA**

A presente sequência didática defende a utilização da autora Maria Firmina dos Reis em sala de aula, por ser uma personalidade na construção de um ensino antiracista e feminista, desta forma, é possível aborda-la nas aulas de história, elencando com outras personalidades negras que são deixadas de lado nas tradicionais e positivistas aulas de história, e dessa forma construindo uma narrativa decolonial em cima do contexto do final do século XIX no Brasil.

Romper com o ensino tradicionalista ainda forte nas aulas de História das escolas brasileiras, tem sido a tarefa de professores que se propõe em trabalhar uma pedagogia crítica. Na maioria das vezes, quando paramos para perguntar aos alunos da Educação Básica a respeitos das aulas de História, suas respostas se resumem em ser “uma aula entediante” ou “dá sono”. De fato, é realmente frustrante saber que o espaço onde poderia ser de diálogo e trocas, um momento que sirva para exercitar o senso crítico dos jovens, e para que conheçam sua cultura e história, acaba se resumindo em uma aula monótona, positivista baseada em fatos e dados.

Bell hooks (2013) fala sobre a importância do entusiasmo em sala de aula, para que possamos construir uma boa relação com os alunos e um diálogo que assim acrescente nas aulas, só assim podemos trabalhar com uma pedagogia crítica, “Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem.”

É necessário trabalhar com os alunos – no caso, em uma aula de história – o seu conhecimento prévio, pois cada um possui uma bagagem, algo que viu ou “ouviu dizer” na família, tradições orais e culturais, eliminando assim o que Freire denomina de “ensino bancário”, que deposita uma carga de conhecimento em cima do aluno, mantendo a ideia errônea de que são páginas em branco. É só assim, com uma prática pedagógica crítica, valorizando a fala dos estudantes que é possível trabalhar uma educação antirracista, pois ensinar sobre o racismo não é apenas expor uma aula com termos, datas e notícias, mas também ser um momento de trocas de experiências.

Partindo do pressuposto de pensar uma educação antirracista nas aulas de história, que aborde temas sobre a escravidão brasileira não em um sentido macroeconômico, mas sim valorizando a visão dos sujeitos, sob uma perspectiva da “história vista de baixo” de Thompson, é que foi possível pensar a sequência didática que será apresentada, trazendo visibilidade a sujeitos negros da história brasileira que foram silenciados por uma história eurocêntrica. É dessa forma que, nós como educadores, cumprimos a tarefa de nos esforçarmos contra a desigualdade racial que é tão forte em nosso país – mascarada pela democracia racial – já que “se há possibilidade de a escola ser um dos lugares onde há o aprendizado de separação, do discriminatório, existe também, em contrapartida, a possibilidade de ser uma instituição promotora da igualdade e do entendimento de que diferenças não devem justificar desigualdades (AUAD, 2006)”. Com efeito, dou ênfase, nesse sentido de colocar em pratica a pedagogia crítica em sala de aula, enveredar, também, para a construção de um ensino igualitário aos sexos, pois como afirma Patrícia Rodrigues Augusto Carra “ainda que sob o mesmo teto, os currículos e as práticas docentes e administrativas escolares legaram, e ainda legam, aos seus estudantes uma educação diferenciada por sexo”. Expor narrativas femininas nas aulas de História é dar visibilidade para essas mulheres apagadas, mas que sempre estiveram presentes no passado brasileiro, além de trabalhar com o sentido de representatividade para as jovens em sala de aula.

É importante ressaltar que levar a narrativa da cultura negra para a sala de aula, tornou-se corriqueira após a lei 10.639/2003, que torna obrigatória em todos os currículos escolares do Ensino Fundamental e Médio os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira, fruto da luta antirracista do Movimento Negro Brasileiro. Contudo, após dezoito anos de promulgação, ainda é notável em alguns livros didáticos, o apagamento histórico do povo negro. Portanto é tarefa do professor, decolonizar estes materiais para que seja possível uma construção da identidade afro-brasileira no objetivo de auxiliar jovens negros em seu processo de representatividade e abrindo espaço para discussões a respeito do racismo no país, assim como menciona Manuela Areias Costa (2018) “Sem a distorcida lente da democracia racial, as biografias de personagens negros trabalhadas em sala de aula, podem contribuir para a valorização e a divulgação das expressões culturais protagonizadas por africanos e descendentes”.

## **Apresentação da sequência didática**

**Modalidade/Nível de ensino:** Ensino Médio;

**Componente curricular:** História;

**Tema:** Abolição da escravatura, resistências e lutas dos escravizados;

**Habilidades: (**EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos; (EM13CHS503) Identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas principais vítimas, suas causas sociais, psicológicas e afetivas, seus significados e usos políticos, sociais e culturais, discutindo e avaliando mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.[[1]](#footnote-1)

**Duração das atividades:** 5 aulas de 40 minutos;

**Recursos:** Datashow, caderno para anotações;

**Objetivos:** Desmitificar a visão eurocêntrica acerca da abolição da escravidão; Elucidar as diversas atuações de africanos e afrodescendentes que lutaram pelo fim da escravidão, desmitificando a imagem da princesa Isabel como salvadora; Relacionar o tema com os trabalhos e a biografia de Maria Firmina dos Reis, dando voz a autora.

**AULA 1**

**Organização da turma:**

O objetivo desta primeira aula, é trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos acerca da imagem que possuem do escravizado e da abolição da escravatura. Desta forma, os alunos serão organizados em roda para uma melhor comunicação.

**Introdução**

Após a organização da turma, o professor irá apresentar o tema central de estudo das próximas aulas, para introduzi-lo e começar o debate, será lido pelo docente o poema de Solano Trindade[[2]](#footnote-2) “Cantos dos Palmares”:

Eu canto aos Palmares

sem inveja de Virgílio de Homero

 e de Camões

 porque o meu canto

é o grito de uma raça

 em plena luta pela liberdade!

 Eu canto aos Palmares

 odiando opressores

de todos os povos

de todas as raças

 de mão fechada

contra todas as tiranias!

Fecham minha bôca

Mas deixam abertos meus olhos

Maltratam meu corpo

Minha consciência se purifica

Eu fujo das mãos

 Do maldito senhor!

(TRINDADE, 1961, p. 29)

**Desenvolvimento:**

Posterior a leitura, as propostas de questões serão: “Do que você acredita que o poema se trata?”; “Qual a visão que você tem a respeito do homem e da mulher negra no século XIX?”; “Você imagina que eles eram sujeitos ativos ou passivos?” A partir destes questionamentos se iniciará um diálogo, o objetivo é desconstruir a imagem do escravizado passivo. O professor avaliará a participação dos alunos.

**AULA 2**

**Organização da turma:**

Individual em fileiras, pois a aula contará com o recurso de slides no Datashow.

**Introdução:**

É importante nesta primeira aula contextualizar o período recortado mostrando a situação em que o Império estava passando, a quantidade de africanos escravizados que chegaram no país e ressaltar que entre as várias questões que o levaram a queda, a questão da mão de obra que teve também papel fundamental.

**Desenvolvimento:**

A proposta será trabalhar, por meio de uma aula expositiva, a questão das leis abolicionistas, elucidar a quantidade de africanos cativos que chegaram ao Brasil no período da criação da lei Nabuco de Araújo (1854) e das famílias separadas com o tráfico interprovincial. Depois de contextualizar o período, o professor trará a biografia de Maria Firmina dos Reis ressaltando que ela foi uma personalidade negra que teve o seu protagonismo apagado pela história oficial, foi a primeira romancista negra que em suas obras criticava o sistema escravocrata e o patriarcado.

**AULA 3**

**Organização da turma:**

Individual em fileiras, pois a aula contará com o recurso de slides no Datashow.

**Introdução**

Para esta aula, o professor (que na aula anterior expos a biografia de Maria Firmina dos Reis) realizará a leitura do trecho de umas das obras de Firmina “A Escrava”, reforçando sobre as famílias separadas pelo tráfico interprovincial trabalhado na aula anterior.

— Não sabe, minha senhora, eu morro, sem ver mais meus filhos! Meu senhor os vendeu... eram tão pequenos... eram gêmeos. Carlos, Urbano... Tenho a vista tão fraca... é a morte que chega. Não tenho pena de morrer, tenho pena de deixar meus filhos... meus pobres filhos!... Aqueles que me arrancaram destes braços... Este que também é escravo!... (FIRMINA, 2018, p. 171)

**Desenvolvimento:**

Inserir as lutas e revoltas, como por exemplo a Balaiada e a Revolta dos Malês, e enfocar pelo menos em uma personalidade presente nesses acontecimentos, a que será proposta aqui é Luísa Mahín, ex-escravizada mulçumana da etnia jejê, que lutou com os Malês, além de ter sido mãe de Luiz Gama (o que já engatilha para as próximas aulas onde serão elucidados os abolicionistas negros). É importante também, ressaltar todas as formas de resistências dos sujeitos escravizados, tanto de roubos e pequenos furtos, como os quilombos e as grandes revoltas.

**AULA 4**

**Organização da turma:**

Individual em fileiras pois a aula contará com o recurso de slides no Datashow.

**Introdução:**

Para iniciar a aula, o professor trabalhará novamente com outro poema de Solano Trindade “Sou Negro”, que se relaciona com os assuntos já trabalhados, e será lido em conjunto para que depois seja questionado aos alunos “O que você relaciona a respeito das aulas passadas com este poema?”

 **SOU NEGRO**

Solano Trindade

A Dione Silva

Sou Negro

meus avós foram queimados pelo sol da África

minh`alma recebeu o batismo dos tambores atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós vieram de Loanda

como mercadoria de baixo preço plantaram cana pro senhor do engenho novo e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado nas terras de Zumbi

Era valente como quê

Na capoeira ou na faca escreveu não leu o pau comeu

Não foi um pai João humilde e manso

Mesmo vovó não foi de brincadeira

Na guerra dos Malês ela se destacou

Na minh´alma ficou o samba

o batuque o bamboleio e o desejo de libertação...

(O poeta do povo, p. 48)

**Desenvolvimento:**

Para esta aula serão apresentados aos alunos às ideias abolicionistas sobretudo dos mais conservadores como Joaquim Nabuco e José de Alencar. Após essa apresentação é importante saber a opinião dos alunos lançando as perguntas “Para quem era a liberdade que esses abolicionistas conservadores defendiam?”; “Vocês sabem de alguma protagonista negra entre esses abolicionistas?”. No final da aula será mostrado a Lei Aurea para os alunos finalizando com a pergunta e a reflexão para a próxima aula “A quem você acredita que a Lei Aurea beneficiou?”; “Baseado nas aulas, o que mais você acrescentaria nesta lei?”, “Podemos dizer que essa lei refletiu para o racismo de hoje em dia?”.

**Avaliação:**

No final da aula o professor pedirá para que os alunos se organizem em cinco grupos, que ficarão responsáveis pela pesquisa das seguintes personalidades abolicionistas: Luís Gama, André Rebouças, Maria Tomásia Figueira, Dragão do Mar e Adelina. Essa atividade contará como avaliação, a proposta é que para a quinta aula os alunos se reúnam com seus grupos e discutam junto ao professor sobre cada personalidade pesquisada, além disso é necessário que todos os alunos façam um breve resumo sobre suas pesquisas, o que contará pontos. Os meios de pesquisa (sites, livros e revistas) será orientado pelo professor. A data de apresentação pode variar de acordo com a escolha do docente. Os critérios utilizados para a avaliar a apresentação serão: Trabalho em equipe; Criatividade nos cartazes; Domínio do conteúdo de todos os membros do grupo; Organização do grupo;

**RECURSOS COMPLEMENTARES**

**Orientação para o professor:**

Para se aprofundar nas lutas e resistências dos escravizados leia o texto: GRINBERG, Keila. Rebeliões Escravas Antes da Extinção do Tráfico. *In*: GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. O Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. P.237 – 265.

Para se aprofundar na questão das leis abolicionistas e as revoltas provincianas leia o livro: LINHARES, Maria Yedda Leite (Org.). História Geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

Para utilizar a biografia de Maria Firmina dos Reis, é importante ler: AGOSTINHO, Régia da S. A Escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as Representações Sobre Escravidão e Mulheres no Maranhão na Segunda Metade do Século XIX. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

Para conhecer e inserir as obras de Maria Firmina dos Reis, ler: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DA SILVA, Régia Agostinho. Escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as Representações Sobre Escravidão e Mulheres no Maranhão na Segunda Metade do Século XIX. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.

CARRA, Patrícia. R. A. Escola mista? Coeducação? Um desafio histórico para a educação de meninos e meninas. Cadernos De História Da Educação, 18(2), 548-570, 2019.

COSTA, Manuela A. Histórias “atlânticas” na escravidão e no pós-abolição: biografias de personagens negros e ensino de história e cultura afro-brasileira. In: MORAES, Eulália M. A.; CHAVES, Otávio R.; SILVA, Ricardo T. C. O Ensino de História da África, da cultura afro-brasileira e indígena: múltiplos olhares. Cáceres: UNEMAT, p. 132- 154, 2018.

COSTA, Yuri Michael Pereira. Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais – RBHCS Vol. 10 Nº 20, Julho - Dezembro de 2018.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. O Brasil imperial, volume I: 1808-1831. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1º Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula e outras obras. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. 1º Ed. Jandira, SP: Ciranda Cultural Editora, 2020.

SANTOS, José Benedito dos. A Literatura Afrodescendente de Maria Firmina dos Reis. Literartes. N 5, p. 184-208, São Paulo: 2016. Disponível em [http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/105787. Acesso em 10/8/17](http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/105787.%20Acesso%20em%2010/8/17).

SANTOS, Oscar S. O ensino de história a partir da poesia de Solano Trindade: reivindicação da memória da escravidão no Brasil. In: MORAES, Eulália M. A.; CHAVES, Otávio R.; SILVA, Ricardo T. C. O Ensino de História da África, da cultura afro-brasileira e indígena: múltiplos olhares. Cáceres: UNEMAT, p. 179- 204, 2018.

SOUZA, Laura de Mello. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VENTURA, Roberto. Um Brasil mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: MOTA, Carlos Guilherme. Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000). Formação: histórias. São Paulo: Ed. Senac, 2000

1. Habilidades retiradas da Base Nacional Curricular Comum, documento disponível no site: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. [↑](#footnote-ref-1)
2. Francisco Solano Trindade foi um poeta negro nascido em Recife, viveu entre 1908 até 1974. Foi artista, responsável pela fundação do Teatro Popular Brasileiro junto com sua esposa Margarida Trindade, tendo sede na UNE. Solano sempre voltou sua arte para exaltação do povo negro, tanto em seus poemas como no teatro e em suas pinturas. [↑](#footnote-ref-2)